

## O SEXISMO NA DÉCADA DE 70

“A mulher não foi feita dos pés do homem para ser sua escrava, nem da cabeça para dominá-lo, mas do seu lado para ser sua companheira”.

### Em foco a mulher

Com uma participação exclusivamente feminina — 160 mulheres, de 49 países — realizou-se em Berlim Ocidental, de 15 a 22 de junho passado, uma reunião de consulta patrocinada pelo Conselho Mundial de Igrejas sobre o tema, “**Sexismo na década de 70 — discriminação contra mulheres**”.

Por que uma reunião dessa natureza e com esse título promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas? Philip Potter, Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas e o único e privilegiado orador homem da consulta, explicaria no seu discurso de abertura que esse assunto esteve sempre presente, desde o início do Movimento Ecumênico. Estudos diversos tem sido dedicados ao problema da participação da mulher na igreja e na sociedade e, em consultas e conferências essa temática vem sendo objeto de análise e discussões. Foi citado como exemplo a ordenação de mulheres, es-

timando-se que 75 dentre as 267 igrejas filiadas ao C.M.I. ordenam mulheres. Contudo, verifica-se ainda haver distância entre o pensamento e a compreensão do problema e sua efetiva aplicação na vida concreta. Na Assembléia de Uppsala havia apenas 9% de participação feminina, apesar do número maior de mulheres nas igrejas. Há também predominância masculina entre o pessoal responsável pelos programas do Conselho Mundial de Igrejas e membros de seus comitês. “Há uma consciência geral que são as estruturas e instituições da sociedade que demoniacamente mantêm injustiça racial, sexual, política, econômica e social. Para nos tornarmos verdadeiramente humanos numa comunidade justa, as estruturas de pensamento e de ação nas nossas sociedades devem ser radicalmente mudadas. “Sexismo na década de 70” é uma parte importante dessa preocupação pela liberação e comunidade em Cristo”.

Em vista da realização da Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas no ano próximo, a Consulta de Berlim foi considerada também um preparo importante. Nessa Assembléia, cujo tema será “Jesus Cristo liberta e une”, uma sessão

plenária tratará da questão “mulheres num mundo em mudança”.

O Ano de 1975 foi também proclamado o Ano Internacional das Mulheres pela Assembléia Geral das Nações Unidas. O Conselho Mundial de Igrejas criou um grupo de trabalho especial para dedicar-se ao seu preparo. Espera-se assim, que 75 seja um ano “quente” para a mulher.

### **Sexismo — seu significado para diferentes mundos.**

O que se entende por “sexismo”? Para nós, uma expressão bastante nova, é no entanto, corrente entre os Movimentos de liberação Feminina. É ainda, Philip Potter, no seu discurso de abertura, quem traz uma definição do sexismo: “qualquer atitude, ação ou estrutura institucional que mantém, sistematicamente, em estado de subordinação, uma pessoa ou grupo em virtude do seu sexo”. Uma apresentação áudio-visual preparada na Inglaterra, mas, antes uma abertura chamando à confraternização irmãs de todo o mundo e estava iniciada uma semana de estudos, discussões, divergências profundas.

Uma mesa redonda sobre o aborto com uma participação norte-americana, uma representante da Guiana e uma famosa líder feminista Tunisiana, residente em Paris e apresentação de trabalhos em Sessões plenárias diárias:

“Sexismo e Desenvolvimento Humano” (Dra. Magdalene Hartlich — psicoterapeuta — Alemanha Ocidental).

“A caminho de uma Teologia Integral” (Sra. Nelle Morton — professora de Teologia — Estados Unidos).

“Fatores econômicos e políticos e o status das mulheres no Terceiro Mundo” (Sra. R. R. Andriamanjato — Engenheira Civil — Madagascar).

“Papel das mulheres na República Democrática Alemã” (Sra. Christa Lewek — secretária do Departamento de Igreja e Sociedade da Federação das Igrejas Protestantes da República Democrática Alemã), forneceram farto material para trabalho.

Nos grupos de estudos sobre Educação, Família, A mulher na Política, na Eco-

nomia, na Igreja, houve oportunidades para aprofundamento das discussões, continuadas depois nos jardins, corredores, refeitórios e até tarde da noite. Inevitavelmente formaram-se duas posições distintas e muitas vezes antagonicas, traduzindo vivências, informações, ideologias das participantes.

O grupo ocidental, com numerosa participação norte-americana, alemã e de outros países europeus, representando pensamentos e reivindicações feministas numa linha de oposição contra a situação opressora criada pelo homem. A mulher é mantida em situação de dependência por uma estrutura dominada pelo homem; a escola, a igreja, os meios de comunicação, a linguagem, tudo concorre para manter o status quo. O sexismo se estende, nesta era tecnológica, em forma de corporações multi-nacionais, aos países pobres, criando uma situação de exploração. Combater os gestos, as atitudes, a linguagem que simbolizam a inferioridade da mulher, buscar reformas institucionais, educacionais, eclesiais, que rompam essa relação, influirá em última instância, até nas relações entre as nações.

Mas, outras vezes se levantavam: “Se não sou ainda humana, como falar em minha liberação como mulher?”, perguntava uma representante sul-africana, referindo-se à situação opressora experimentada pela população africana no regime de “apartheid.” Existe uma situação de exploração provocada por uma estrutura econômica e política que atinge homens e mulheres nos nossos países, manifestavam-se mulheres da América Latina, África, Ásia. Era o grupo do terceiro mundo, do qual participavam também representantes de minorias raciais americanas. O problema fundamental não está na relação homem-mulher. É preciso lutar pela criação de estruturas econômicas e sociais que possibilitem vida humana para todos, sem o que liberação da mulher torna-se liberação de uma minoria privilegiada. É preciso ir à raiz do problema, ao sistema econômico dominante.

Muitas vezes, total impossibilidade de vencer as divergências. Mas, também, a

alegria de descobrir pessoas que se identificam totalmente com a gente da Ásia, África, América Latina, pessoas que vivem no mundo desenvolvido mas mantêm uma atitude de crítica à sociedade de consumo, à sociedade afluente. Novamente, descobrir que as fronteiras não são geográficas. Testemunho comovente de Polly Haslam (Grã-Bretanha), durante a devocional organizada pelas participantes do Terceiro Mundo: "Eu sinto que muitas de nós aqui sentiram tensão. Mas eu também senti talvez como uma pessoa jovem; com certeza como uma pessoa branca, que minha luta, embora de um ângulo diferente, é a mesma de vocês. Minha luta é contra o racismo dos brancos, e em mim, no meu país, e nas estruturas econômicas que tudo fazem para impedir que sejamos realmente livres".

### **E a mulher na América Latina?**

Para o grupo latino-americano foi também uma oportunidade a mais para refletir sobre a situação das mulheres nos seus países.

Que o sexismo existe na América Latina, não é preciso muito estudo para se chegar a essa conclusão. O machismo do homem latino-americano, o padrão de dupla moral incutida na educação das crianças, os papéis estereotipados de homem e mulher, as expressões comuns como "mulheres são péssimas motoristas", "a mulher não dá para matemática", "conversa de mulher só dá criança e criada", são alguns exemplos corriqueiros do sexismo prevalente nos nossos países. Só em alguns centros urbanos, o acesso à melhor informação e, sobretudo, a tomada de consciência das potencialidades femininas e sua participação gradativa e efetiva em posições antes exclusivas de homens, começam a desafiar os padrões tradicionais impostos à mulher. Mas, quem é essa mulher privilegiada a quem se lhe abrem possibilidades de educação média ou superior? Basta consultar alguns dados estatísticos para verificarmos tratar-se de uma minoria insignificante neste continente.

Falar de luta feminista num contexto latino-americano não seria ignorar problemas fundamentais, de exploração e opressão que atinge a maioria de nossas populações, marcadas ainda por analfabetismo, sub-nutrição, verminose, habitações insalubres, etc. etc? O próprio fato do sexismo poder ser contestado por mulheres de estratos superiores da sociedade, parece indicar que entre o proletariado e sub-proletariado o analfabetismo ou a baixa escolaridade e a luta pela sobrevivência, nem sequer permitem que as mulheres tomem consciência de sua situação real, muito menos de opressão masculina.

É bastante significativo que os movimentos de liberação feminina que importaram modelos norte-americanos, vem encontrando pouca repercussão na América Latina, limitando-se, de modo geral, a representar reivindicações de uma minoria privilegiada. Podemos então ignorar a situação da mulher na América Latina, por serem outras as nossas preocupações prioritárias?

Parece-nos que as oportunidades que se apresentam agora com o Ano Internacional das Mulheres e o interesse especial do Conselho Mundial de Igrejas em relação às mulheres, não deveriam ser desperdiçados.

O importante, nos parece é não nos perdermos em campanhas feministas mas seja qual for o programa a ser desenvolvido, ter como um quadro de referência um diagnóstico correto do contexto no qual atuamos.

Vemos também um desafio especial às sociedades de senhoras das igrejas, que regra geral, parecem limitar-se a atividades como reuniões de oração ou de caráter meramente assistencial e imediatista. Estariam elas conscientes do poder extraordinário que continuam latentes nas suas mãos? Parece-nos que dependerá muito da visão e do empenho dessas organizações permanecerem como grupos mais ou menos inexpressivos ou tornarem-se movimentos respeitados, capazes de mover montanhas.

Ao nível de nosso micro-cosmos resta ainda uma tarefa modesta mas impor-

tante a fazer, a revisão dos padrões de comportamento que impomos às crianças, meninos e meninas, reflexão sobre nosso relacionamento com o sexo oposto, luta consciente contra os condicionamentos culturais impostos às mulheres e homens. Na realidade, homens e mulheres

necessitam liberar-se, nas palavras da Dra. Hartlich, cujo trabalho foi citado acima, "Em sexismo está implicada a libertação de ambos os sexos da polarização sócio-psicológica de papéis que lhe foram atribuídos.

**Tomiko Born**

## **RECOMENDAÇÕES DA CONSULTA DE BERLIM:**

Que a Quinta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas instrua a Unidade Fé e Testemunho a iniciar um estudo relativo à "linguagem de Deus" na teologia e adoração nativos a fim de relacionar estudos correntes e interpretação procedentes de teologia da libertação ao problema de transmissão oral da ação de Deus de modo que comunique o Evangelho a todas as raças, sexos e culturas;

Que a Unidade Fé e Testemunho possibilite maior participação de mulheres de todos os seis continentes em todas as comissões de estudo teológico e Conselho Mundial de Igrejas, a fim de:

- a. fazer teologia num contexto mundial;
- b. procurar meios de construir uma comunidade de apoio internacional para aqueles que se preocupam em incluir a perspectiva feminina na teologia de igrejas;
- c. trabalhar com mulheres e igrejas locais para relacionar as questões de teologia e do Evangelho que emergem nas lutas concretas para libertação.

### **As Igrejas Afiliadas:**

Que as igrejas nacionais iniciem programas educacionais destinados especialmente, mas não exclusivamente a organizações femininas, chamando a atenção das pessoas, abrangendo as seguintes áreas:

— Verdadeiro companheirismo, compreensão da natureza do casamento como um empreendimento a longo termo e educação sexual que é uma dimensão essencial do mesmo.

— Treinamento para ambos, homens e mulheres, para que algumas mulheres possam tomar consciência de suas potencialidades como pessoas; como líderes na igreja e na sociedade; o valor de seu trabalho no lar e seus papéis além de esposa e mãe; que os homens sejam ajudados a reconhecerem o direito da mulher para uma vida criativa própria e sua parcela de responsabilidade nos ser-

viços domésticos; e que ambos sobrepujem atividades sexistas em si mesmos e nos outros.

Que as igrejas locais instalem centros de aconselhamento ou programas com pessoal feminino e masculino entre técnicos e direção, a fim de assistirem em relação aos problemas específicos resultantes de mudanças no relacionamento de mulheres com outras pessoas e com a sociedade como um todo. Deve reconhecer-se que o clero necessita de treinamento para educação familiar, e aconselhamento e estilos variados de vida.

Que as organizações femininas lutem em favor de legislação protetora e salários adequados às empregadas domésticas.

Que desenvolvam estratégias para combater exploração econômica, especialmente da mulher, em propaganda, através de meios como organização de conselhos de consumidores e expressando indignação através de cartas ou diálogos com agências de propaganda ou meios de comunicação de massa.

Que, de acordo com a condenação feita pela consulta à propaganda que perpetua imagens estereotipadas de mulheres, desenvolvam um esforço consistente:

- a. Para educar a opinião pública sobre a qualidade de todas as pessoas e a integridade da pessoa;
- b. substituir falsas imagens de mulher dadas pela comunicação de massa por outras mais próximas das realidades diárias;
- c. eliminar conteúdo e linguagem discriminatórios de material didático novo e revisado.

### **As participantes:**

Que as participantes e as organizações representadas tomem parte em esforços para mudar a política de exploração das companhias multinacionais;

Que através de organizações femininas, igrejas, governos, lutem por legislação que garantam iguais oportunidades em educação, treinamento e emprego e sua aplicação.